

A LUME

A LUME

Luiza Neto Jorge

A Lume

I

Despertei
com o pássaro longínquo
um rumor de fome
no seu olho fito

Atirou-se a pique
sobre a crosta da terra
a picar no mais tenro
o que eu nunca vi nem
me apalpei

Carne não era
talvez fosse
a pedra de toque
do meu sono

Soltando as asas
desde a serra
veio voando
direito à varanda onde
pela manhã passeiam
pombos

Atirou-se a pique
com o seu olho louco

a descobrir
o que eu esquecia

Carne seria
lóbrega ou viva
hélice de sol puro

II

Canta-me ave
arcanjo
com o bico puxa
a farpa que desponta
do meu cérebro

Por montes e vales
transmigre o canto
e quem o escute
se sinta
recompensado
revulsionado
como se ouvisse enfim
a língua mais oculta

Fractura

Despedaça expor esta fractura,
espiar por ela os meus amigos,
fechados vários peitos, várias artérias,
pela máquina morte removidos.

Escritas daninhas: pouca me sinto já
para expurgá-las! Em lava aluem,
riscam a lume páginas estremes,
e um braço na tormenta salienta-se das vagas,

frutífero implanta-se
no seio do nosso corpo escasso.
Membro em viço, irmão braço vem
por dentro semear-nos!

Venho de Dentro, Abriu-se a Porta...

Venho de dentro, abriu-se a porta:
nem todas as horas do dia e da noite
me darão para olhar de nascente
a poente e pelo meio as ilhas.

Há um jogo de relâmpagos sobre o mundo.
De só imaginá-la a luz fulmina-me,
na outra face ainda é sombra

Banhos de sol
nas primeiras areias da manhã.
Mansidões na pele e do labirinto só
a convulsa circunvolução do corpo.

A zona agora é outra, tórrida
a das primeiras horas da explosão.
Flores descontínuas. Um filho
masturbando-se.

Cataclismo a copo, paraíso
em barra, são sebastião alvo
de agulhas hipodérmicas.

Nós, que medimos a morte,
não entramos de roldão desassossegando
o mundo. Alimentamo-nos de seres
menores

néons macios controlados
por ogres, bolas de sabão
que em silêncio estoiram.

E às jazidas do sémen, ao tenro veio da
madre
século após século retornamos.

A Lume

Olho-me nos olhos
do meu gémeo
(seus olhos nos meus
ausentes)
e sempre vislumbro
fixo e refulgente
um lume

Já tudo à minha volta
de tantas résteas de sol
descoloriu
de tantas cortinas baças
grelou

Porém o resplendor
no espelho alastra
como na pupila
a lua da Mestra

Vivo em lama
à beira do derrame.
Na cratera.

Vivo em cama
de pregos, vidros
dentes de fera.

Vivo em chama.
Pegou-se o fogo ao fato
que morte e vida
irmana.